



João Paulo  
Editor de Cultura - e-mail:  
jpaolo.cunha@uel.com.br

OLHAR

# Exercícios de PAIXÃO

O Corpo, além de conversar com o mundo e com o Brasil, conversa com as emoções dos espectadores

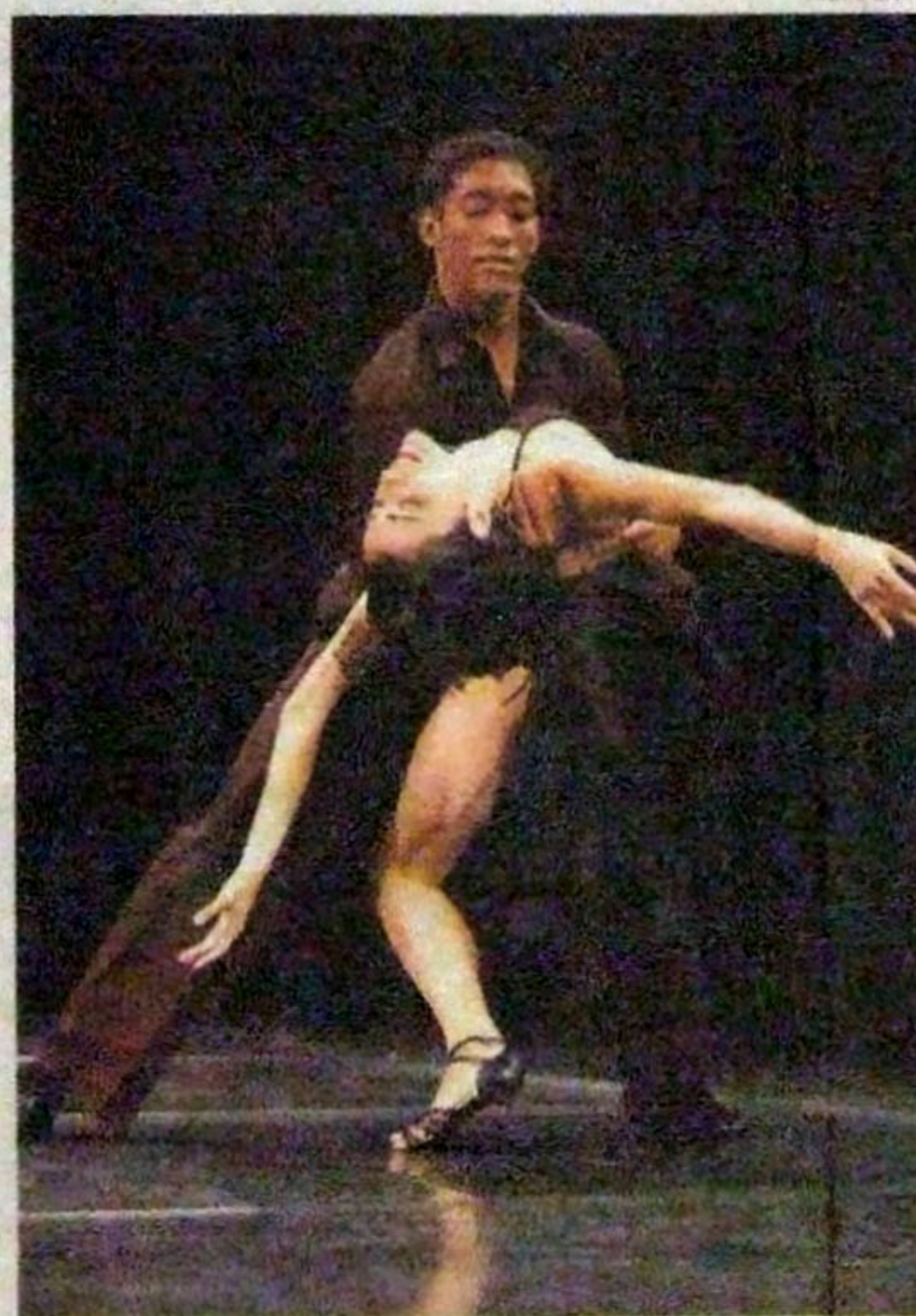
Dois ernestos, dois bailes, uma emoção. O novo espetáculo do Grupo Corpo, *Lecuona*, uma suite de duos com canções do compositor cubano Ernesto Lecuona (1895-1963), é um destes momentos raros na vida, em que somos chamados à inteligência pela emoção e mobilizados pelo afeto frente a tanto jogo de saber. Em conjunto com *Nazareth*, o programa completa um arco que parte do Brasil para a ele retornar com os signos, quase sempre intangíveis, de pertencimento a um lugar, a um tempo, a uma visão de mundo.

Muito já se escreveu sobre o trabalho do Grupo Corpo. Diante da beleza, construída com tanta argúcia de movimentos e referências culturais, mesmo quem não entende nada de dança fica tentado a explicar o porquê da emoção. Tem o lado da beleza da cena, da maestria do conjunto, dos movimentos inusitados, da sensualidade quebrada com graça e bom gosto, das músicas e dos elementos cênicos. Mas tudo isso parece ser sempre pouco. No livro *Oito ou Nove Ensaios sobre o Grupo Corpo*, organizado por Inês Bogéa (que, com a experiência de ter dançado na companhia e o interesse pela reflexão, torna-se uma ponte importante), foram chamados filósofos, psicanalistas, escritores e outros intelectuais que tentaram pôr suas artes a serviço do entendimento. São textos ótimos, como o de Renato Janine Ribeiro, que tenta explicar o que um leigo culto tem a aprender com as obras do Corpo, e a partir daí faz um passeio de mão dupla pelo trabalho do grupo e pelas sendas da cultura. Ou o de Maria Rita Kehl, que busca decifrar o gozo com auxílio da psicanálise e sua visão da sexualidade e sublimação, mostrando como é possível trabalhar no registro da sensualidade de forma ao mesmo tempo gozosa (o prazer) e crítica (o humor que dissolve o erotismo banal).

Estes e outros autores, como Veríssimo e Zuenir Ventura, no entanto, não explicam o fundamental: por que dá vontade de rir e chorar? De que forma os movimentos sobre o palco atuam na corda da sensibilidade que chamamos "ser brasileiro"? Como um prazer gerado tão perto da pele desperta uma ânsia de decifração racional? Talvez as respostas sejam menos importantes que as angulações. Uma obra de arte não existe para ser explicada, descascada, servida em fatias. A própria ficha técnica dos trabalhos do grupo parece querer dizer isso. São apenas quatro ou cinco nomes, como se o conjunto da obra não permitisse seu desmembramento nas dezenas de esforços concertados para realizar cada peça. O trabalho enorme que se adivinha não pode ser nomeado sem perder sua marca de organicidade.

Todos os que seguem a trajetória do grupo sofrem uma emoção paradoxal: a expectativa de ser surpreendido. Por mais preparado que esteja, por mais que se disponha a apreender a continuidade ou se abrir ao novo exercício, o espectador aprende algo novo a cada espetáculo. Mesmo que haja um domínio da gramática dos movimentos (que quebram a regra estabelecida o tempo todo), um saber histórico das conquistas técnicas (que não se superpõem, às

**POR QUE DÁ VONTADE DE RIR E CHORAR? DE QUE FORMA OS MOVIMENTOS SOBRE O PALCO ATUAM NA CORDA DA SENSIBILIDADE QUE CHAMAMOS 'SER BRASILEIRO'?**



PEDRO MOTTA

vezes negaceiam e brincam em torno do sentido), uma empatia com a linha ideológica das criações, o olhar é sempre desafiado a entender mais. A surpresa esperada é sempre outra. E, por isso, surpreende de verdade.

*Lecuona*, neste caminho, parece retroceder alguns passos, para depois se mostrar um avanço. No lugar de uma trilha originalmente composta, um conjunto de canções antigas, em vez da pesquisa da brasilidade musical, um

mergulho nos boleros da tradição caribenha marcada pela cultura do espetáculo. Saem as roupas que expandiam o movimento além do corpo para entrar um figurino que puxa o sentido para dentro das histórias contadas nos duos, os números de conjunto, com sua matemática virtuosa da sucessão de duos, trios, quartetos e tutti, resumem-se ao casal com sua força de síntese do universo humano; a tendência ao abstrato, próprio de uma arte sem palavras, torna-se uma sucessão de histórias figurativas de amor e ódio, sexo e afeto, manchadas pela biografia dos bailarinos-personagens.

Há uma situação que é típica da história da arte. Todo texto é também contexto. No caso do Corpo, este movimento se dá na forma como os trabalhos do grupo são recebidos no exterior. Para um europeu, por exemplo, a brasilidade da companhia se localiza provavelmente no mais explícito, no jogo dos ritmos marcados e das síncopas, na expansão do movimento a partir do centro do corpo, na visualidade mais solta e sem cerimônia. Para nós, brasileiros, é exatamente o contrário. Todos os sinais de nacionalidade surgem sempre trabalhados ao mesmo tempo com crítica e humor. Ser brasileiro não é algo dado, mas em construção.

No caso de *Lecuona*, essa história de julgamento de padrões culturais se inverte. Somos nós que precisamos enxergar nas coreografias algo além do conceito gasto dos boleros em sua história de incorporação pela indústria cultural. E mais: se tem sentido a ideia de que o espetáculo é tão brasileiro como *Nazareth*, é importante localizar esta sensação em algo que fuja aos padrões até hoje estabelecidos pelo grupo. *Lecuona* talvez seja o mais arriscado trabalho do Corpo. A força do uso da emoção, que sempre resulta de um trabalho mais lento, de sedimentação (mesmo com momentos brilhantes, os espetáculos do Corpo se constroem depois na memória como conceito), no novo espetáculo se dá de forma imediata. A cada número, o público completa um ciclo e vai da fruição à catarse. A repetição do mesmo processo por uma dúzia de vezes abre o abismo da exigência assombrosa de criatividade. Que é vencida numa sucessão de maravilhas.

*Lecuona* tem uma história por dentro, uma história por fora e uma história de relações com o mundo. Nos três tempos, reafirma o trabalho de nossa maior companhia de dança. Sua história íntima fala de paixão e domínio estuando da técnica que não se aprisiona em fórmulas; sua história exterior consagra um trabalho coletivo de 30 anos de amadurecimento artístico, institucional e político. Mas sua maior história aponta para o mundo do compartilhamento. A lição da diferença indicada por sua nova escolha se completa como um reforço da identidade. Além de conversar com o mundo e com o Brasil, o Corpo conversa com cada uma das emoções dos espectadores. Falar com o mundo através do coração é uma boa definição de arte. Pode ser também uma definição de afeto humano que nos liga um ao outro.

*Lecuona* é uma história de amor.